

A FOTOGRAFIA E UM BREVE DEBATE ACERCA DA MODERNIDADE

Rogério Luiz Silva de Oliveira¹

Edson Silva de Farias²

Resumo: o presente artigo estabelece uma discussão acerca da modernidade a partir da análise do acervo fotográfico de uma família de fotógrafos, em 120 anos de história. O debate teórico é alicerçado nas constatações da autora Claudine Haroche, no livro *A Condição Sensível*, e nas questões que ela suscita em torno do pensamento do sociólogo alemão Norbert Elias. O artigo tenta contemplar o modo como a complexidade moderna tende a reificar os sujeitos, para quem o mostrar-se é condição indispensável para a própria existência. Por meio da observação do percurso geracional do ofício de fotógrafo na Família Melo, o texto discute o modo como *o ver e o ser visto* sofreram mudanças em virtude das tecnologias contemporâneas e de que maneira a vida conjunta dos indivíduos interfere em tal processo de mudança.

Palavras-chave: Fotografia, Costumes, Modernidade, Tecnologia

INTRODUÇÃO

O presente estudo aplica-se à observação da história da família Melo, a partir do debate levantado pela autora Claudine Haroche. O presente texto tem por fundamento o livro *A Condição Sensível*, que trata de questões ligadas ao indivíduo hipermoderno, contemporâneo, por meio das maneiras de sentir e exprimir.

O objetivo do presente estudo é esboçar uma análise dos mais de cem anos da relação da família Melo com a fotografia. O percurso começa com Manuel Euphrásio dos Santos Melo, conhecido como Neca Correia. Fotógrafo que iniciou-se neste ofício num processo de aprendizado autodidata, resultando num acervo fotográfico revelador de costumes e tradições de Vitória da Conquista, no interior da Bahia.

¹ Mestrando em Memória: linguagem e sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: rogeriolso@yahoo.com.br.

² Professor Doutor do Departamento de Sociologia - SOL da UNB - Universidade de Brasília. E-mail: nilos@uol.com.br.



Neca Correia deu início à tradição do ofício de fotógrafo na Família Melo no final do século XIX. Depois dele, vieram outras três gerações que deram continuidade ao ofício de fotógrafo na família: Manoelito Magalhães Melo, Elísio Magalhães Melo e Marco Antonio Jardim Melo, que chega ao século XXI aos trinta anos de idade e mantém viva a tradição da família.

Diante deste objeto, objetiva-se fazer um recorte dentro da argumentação de Claudine Haroche, destacando da reunião de autores que ela faz em torno de um mesmo tema, os comentários e colocações que Haroche faz em torno do pensamento do sociólogo alemão Norbert Elias. Por ora faz-se importante lembrar que Haroche observa que as reflexões eliasianas são fundamentais para observar as sociedades flexíveis, cujos fluxos de informações contínuos estimulam a superficialidade das relações humanas. (HAROCHE, 2008, p.146)

O apanhado teórico feito por Claudine Haroche também traz à baila uma evidência de que a fotografia pode ser entendida como um importante símbolo das sociedades contemporâneas, justamente por estar diretamente ligada ao olhar, ao ver. A sustentação para este argumento é encontrada em constatações históricas. Um retorno ao passado e entende-se que durante a Idade Média o tato, ao lado da audição, era o sentido mais importante. Ela não só perdeu espaço para esta última como também testemunhou a valorização da visão. Ver que na concepção desta autora está associado ao sentir e que promove, inevitavelmente, transformações profundas, sejam sensoriais ou até mesmo de personalidade. Há uma consequente valorização da aparência.

Não se pode deixar de levar em consideração que esta mudança nos modos de ver e de sentir se dão no âmbito de um processo de mudança civilizatória, na medida em que são notadas modificações nos costumes e tramas sociais. Eis, assim, o mote deste exercício teórico. Entendemos a Família Melo, portanto, como um exemplo de processo civilizador que, na perspectiva eliasiana, está ligado a algo que está em movimento constante, movendo-se incessantemente “para a frente”. Isso podendo se referir a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. É neste sentido que identificamos mudanças tanto em relação aos equipamentos e tecnologias utilizadas e, mais ainda, nos detalhes ligados a pessoas e à cidade que se mostram a partir das fotografias do acervo da família Melo.

Da perspectiva eliasiana, uma pergunta que podemos lançar sobre este objeto de estudo – a família Melo – é de como a relação das pessoas e da cidade com a fotografia

pode ter se tornado tão diferente em mais de um século. É um questionamento do mesmo tipo que Norbert Elias fez diante de como se tornaram tão comuns atos a exemplo de assoar o nariz, comer com garfo e faca, tomar banho, a partir da análise de manuais de etiqueta ao longo da história. Estas observações nos permitem perceber a evolução dos costumes e as alterações e mudanças na constituição da sociedade. Em outras palavras, é como se analisando as fotografias da família em questão, pudéssemos desvendar uma cidade em seus variados momentos e suas tramas ali registradas.

Se ao falar do tratado de Erasmo de Rotterdan – que relata a evolução das regras de etiqueta como os costumes à mesa –, Elias quer entender como se deu a civilização no Ocidente, na análise do acervo fotográfico da família Melo buscamos entender como a mesma cidade aparece em cada uma das gerações, à luz do problema em torno das disposições das pessoas em se darem a ver, em suas expressões, para as lentes fotográficas.

O levantamento feito até agora mostra que três gerações lidaram diretamente com o fazer fotográfico e uma ainda se dedica ao ofício. Em todo este período são notáveis também as modificações relacionadas às poses. Elas saíram do que poderíamos identificar como um elevado grau de formalidade, caracterizada pelas cenas nas fotos em que se destacam as poses do final do século XIX, e chegaram o que chamaremos de uma descontração das expressões nos gestos e modos de vestir, repercutindo mesmo em certa irreverência ou subjetividade que o mais novo dos fotógrafos, Marco Antonio, busca.

As entrevistas realizadas com pessoas da família também são reveladoras no que diz respeito à relação que cada um dos fotógrafos manteve e mantém com a fotografia. Em quatro gerações a intenção mudou. Saiu de um desejo de reprodução – com a fotografia analógica – das figuras notáveis da sociedade, passando pelos retratos em formato 3 x 4, até chegar na fotografia digital, utilizada para fazer auto-retratos manipulados em programas de computador e levados para as páginas da Internet nesta primeira década do século XXI.

Nesta parte do objetivo deste exercício, vale ressaltar o ponto de intersecção do pensamento de Elias com os conceitos que chamam a atenção de Haroche, considerando a importância que o mostrar-se ganha.

“As aparências, o mostrar-se e a apresentação de si se tornaram elementos determinantes no juízo que

tenho de uma pessoa: revelam e também condicionam a inserção do indivíduo nas interações sociais, afetando a sua integridade pelo respeito ou falta de respeito em relação à sua dignidade.” (HAROCHE, 2008, p. 157)

O alicerce geracional

Manuel Euphrásio dos Santos Melo, conhecido como Neca Correia, nasceu no dia 12 de agosto de 1883 e morreu no dia 1º de agosto de 1949. Viveu numa sociedade em que eram comuns as festas de largo, as conversas em praça pública – em que a política era tema central – e a ida aos estúdios fotográficos. Além do gosto pela música, poesia, pintura e pela pirotecnia – fabricação de fogos de artifício – aprendeu sozinho as técnicas da fotografia, que o acompanharia para o resto da vida.

O tempo deste fotógrafo era dividido entre a fotografia e a pintura. Pela análise e observação do acervo dele, em muitos momentos não é possível estabelecer uma distinção entre as duas técnicas. Em algumas imagens fotográficas, nota-se o retoque feito com pincel. O colorido artificial, já que naquela época não existia filme apropriado para fotografia colorida, era feito à mão num trabalho extremamente artesanal. A história da família reserva eventos interessantes como os que agora são contados por Elísio Melo, neto de Manuel Euphrásio.

Ele diz que em certa feita um homem de um povoado de Vitória da Conquista procurou Manuel Euphrásio para ser fotografado. Ele queria aparecer bem na imagem, de maneira que era indispensável ser fotografado de gravata. O relato diz que ele teria esquecido a gravata e Manuel Euphrásio teria tranquilizado o cliente dizendo que ele não se preocupasse, pois era possível acrescentar a gravata à imagem.

O fato revela a importância crescente que a aparência ganhava e apresenta o repertório de critérios levados em conta por aqueles que procuravam o fotógrafo. A ida ao estúdio implicava quase que num ritual. Eram pais acompanhados de filhos, netos, sobrinhos. Famílias em que facilmente se identificava as relações de parentesco e cujas associações reticulares ainda não haviam se tornado complexas na sociedade da época. A relação fotógrafo-fotografado era marcada pela proximidade afetiva, constituída por uma ligação de amizade.



A observação do acervo de Manuel Euphrásio nos permite concluir que havia uma imposição da vida social sobre os indivíduos. Esta é uma das fotografias de um álbum que pertence ao acervo da família Melo. Chama a atenção se tratar de uma das fotos que constituem um catálogo que abriga outras imagens que serviam como modelos para os que chegavam ao estúdio para ser fotografado. O cliente chegava e escolhia a pose em que gostaria de ser fotografado. Conforme ficou explícito nas entrevistas realizadas com membros da família, algumas das poses clássicas eram as preferidas porque o cliente via na casa de alguém e queria ter uma foto parecida.

Esta é uma imagem feita em estúdio, como a maioria das que Manuel Euphrásio fez. É uma consequência da limitação técnica da época. Não havia iluminação artificial, o que era feito por meio das clarabóias - entradas de luz natural no próprio estúdio. As câmeras do período eram grandes e isso não permitia o deslocamento para lugares muito distantes. No acervo percebemos, ainda, que as fotos feitas em áreas externas eram realizadas no centro da cidade, nas proximidades da casa da família. Eram as maiores distâncias. Nestas fotografias estão retratadas as festas tradicionais como o desfile de 7 de setembro ou manifestações populares religiosas, a exemplo dos festejos em homenagem à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Vitórias.

Neca Correia morreu em 1949 deixando sete filhos. Dois deles deram continuidade ao ofício de fotógrafo. Clarito e, mais fervorosamente, seguiu Manoelito Magalhães Melo, que viveu entre 1916 e 1983. Desde cedo também demonstrava gosto pela poesia e interesse em seguir o principal ofício do pai: o de fotógrafo.

A resistência de um ofício

Manoelito dá continuidade à produção do pai. Por 35 anos, manteve o Foto Melo, empresa da família que servia como estúdio e onde também revelavam e retocavam os filmes. Manoelito seguiu fielmente a tradição do pai. Entrevistas realizadas com pessoas da família mostram que os retoques nas chapas de vidro eram comuns nas duas gerações. Além disso, o Foto, como eles chamavam a empresa, era procurado por famílias que queriam ser fotografadas. Havia a tradição de levar crianças, jovens, adultos, idosos, enfim, a família inteira, para ser retratada por um mesmo fotógrafo. Além das figuras notáveis da cidade que também eram foco das lentes deste fotógrafo.

Ao analisarmos a transição da primeira para a segunda geração percebemos algumas pequenas mudanças técnicas, como com relação à chapa de vidro substituída, mais tarde, pelas películas de carretel. Identificam-se também mudanças sutis em se tratando da utilização da luz natural mesmo dentro do estúdio, mas consideráveis alterações no que diz respeito aos costumes da época, mudanças percebidas na observação de quem era fotografado.

Manoelito Melo tinha uma característica diferenciada em relação ao pai. Com ele, veio a mobilidade e possibilidade de levar a câmera para qualquer lugar. Por isso, as imagens externas são em maior número no acervo dele.



Esta fotografia de Manoelito Melo marca um momento importante da família. Também se tornou tradição na família Melo, o ensino das técnicas em datilografia. Manoelito se tornou o fotógrafo das formaturas da escola inaugurada pela mulher. Homens e mulheres exibindo o certificado de conclusão se tornaram comuns no acervo dele que ainda passou a fotografar formaturas nas escolas. Há registros fotográficos clássicos da cidade que foram feitos por ele, como as fotos de formatura do Ginásio de Conquista, a primeira escola da cidade.

A partir destas fotografias das duas primeiras gerações, a fotografia dá provas de sua importância no registro de interações sociais que vão se desdobrar por uma vida. Desdobramento que acontece de maneira inesperada e não planejada, no modo de ver de Norbert Elias. É o registro de indivíduos, de seres humanos singulares como se fossem uma entidade existindo em completo isolamento. É o retrato de uma parcela da sociedade, entendida como uma acumulação, uma coletânea somatória desestruturada de muitas pessoas individuais. Uma reunião de indivíduos em que as interações e os conflitos sociais começam a surgir. É um período das brigas entre famílias, dos conflitos políticos.

Conhecer a história de Manoelito significa a revelação de fatos interessantes como, por exemplo, o acidente que ele sofreu e um dos olhos foi afetado por um pedaço de arame, quando tinha aproximadamente 60 anos. Até completar os 67, quando morreu, em 11 de maio de 1983, ele ainda trabalhou usando apenas um olho e se dedicou a um importante tipo de fotografia para a história da família: a foto 3 x 4, utilizada em documentos pessoais.

A ressignificação de um ofício

Na constituição deste estudo, a terceira geração estudada é fundamental para o debate em questão. A peça-chave para este período é Elísio Magalhães Melo, filho de Manoelito Melo. No ano em que o pai morreu, Elísio já trabalhava com fotografia em 3 X 4 cm, utilizadas em documentos pessoais.

A fotografia em formato 3 x 4 era a maneira que Elísio encontrava para dar continuidade à tradição do ofício de fotógrafo na família. Analisar esta geração representada por ele é perceber mudanças consideráveis nos costumes da cidade. Para

ficar em alguns detalhes percebidos nas duas gerações anteriores, podemos falar dos retratos de políticos que já não apareciam da mesma maneira nas fotos de Elísio.

Tal como o pai e o avô, Elísio também tentou fazer retoques nas imagens, mas a clientela sobrevivia a muito custo. Ele insistia em trabalhar com a câmera do pai. Preciosismo que não resistiu à chegada das novas gerações. Com a popularização dos equipamentos fotográficos, aumentou o número de fotógrafos. A fidelidade dos clientes que antes procuravam o Foto Melo não resistia e agora tinham outras escolhas.

Elísio ainda é testemunha de uma sociedade que começa a exigir cada vez mais a profissionalização do ofício. Da relação amistosa com os fotografados, um dia praticada pelo pai e avô, ele vê a passagem para um tratamento profissional com clientes. Surgem cada vez mais necessidades de inovações técnicas e de novidades para atrair novo público. O público é cada vez mais variado e desconhecido. Os fios que constituem a estrutura reticular da sociedade em que vive são de diversos tipos.



Ainda trabalhando com a fotografia em 3 X 4, Elísio presenciou a chegada dos filmes coloridos. É importante notar que neste período em que ele fotografava houve uma popularização dos laboratórios fotográficos, que entregavam as cópias dos filmes em até uma hora.

Adventos como este só contribuíram para o processo de desistência de Elísio. Após 11 anos trabalhando profissionalmente como fotógrafo, ele abandonou o projeto de dar continuidade à profissão pela qual tanto zelava. O pequeno acervo pessoal que ele mantém é constituído por fotografias em preto e branco e outras imagens em cores, de um colorido bem diferente daquele feito com pincéis pelo pai e pelo avô.

Sem encontrar uma maneira de conviver com a fotografia no mercado fotográfico emergente, ele se sentiu deslocado. Não se adaptava à fotografia social – de festas como aniversários ou casamentos – e as fotografias artesanalmente retocadas já não ocupavam o patamar artístico ao modo de ver dos clientes, além da tecnologia digital que começava a despontar no horizonte. Após 11 anos tentando viver da fotografia, ele

abandona o ofício. Assim como Norbert Elias – e aqui lançamos um olhar eliasiano – Elísio respeitava os costumes e, assim, como o sociólogo alemão, tem consciência de que o condicionamento foi caro. Afinal, abandonou a carreira fotográfica em troca de trabalhos que nunca havia pensado em desempenhar. Atuou em instituições públicas e hoje cuida de uma biblioteca.

No presente estudo, o que nos chama a atenção na relação de Elísio com a fotografia é que ele figurou um intervalo na tradição do ofício de fotógrafo na família. Talvez nos seja permitido dizer que ele foi um divisor de águas, que marcou o início de uma nova relação com o ato fotográfico ou que contribuiu para uma ressignificação desta tradição na família Melo.

Após as tentativas frustradas de retomar o ofício – tentando, inclusive, fotografar pessoas que passeavam em praças públicas, ele preferiu acreditar que o futuro do ofício de fotógrafo na família estava no filho dele, Marco Antonio Jardim Melo.

Indícios de Relaxação Moral

Elísio via no filho Marco o potencial capaz de lidar com aquela sociedade cheia de mudanças nos costumes. Sociedade esta com um perfil passível de aplicação ao olhar eliasiano:

“Em primeiro lugar, ao longo de um período extenso e em conjunto com uma mudança específica nas relações humanas, isto é, na sociedade, é elevado o patamar de embaraço. A estrutura das emoções, a sensibilidade, e o comportamento das pessoas mudam, a despeito de variações, em uma direção bem clara”. (ELIAS,1994, p. 123)

E como era diferente o mundo retratado pelo filho Marco Antonio. Em entrevista cedida por Elísio, é claro o desejo que ele tinha em ver o filho retomar a maneira como a família lidou com a fotografia. As personalidades da cidade, a tradição em retratar famílias inteiras em poses clássicas, os retratos em 3 X 4, as imagens reveladas em papel. Tudo isso havia dado lugar a fotografias de anônimos em *raves*, festas de *reggae*, *rock'n roll*, festas *gays*, que já não iriam mais para álbuns de família, mas para as páginas da *Internet*.

Neste sentido, da maneira como Elísio Melo testemunhava esta ressignificação, podemos associar este processo ao que Norbert Elias chamou de relaxação moral. É como se na geração do filho, houvesse um rompimento dos controles impostos ao indivíduo pela vida social. Era uma mudança drástica na família que costumava se sentar em torno da mesa para jantar e depois disso se mantinha reunida para aperfeiçoar o bom português, como era costume no modelo patriarcal do seio familiar liderado tanto por Manuel Euphrásio quanto por Manoelito Melo.

Mediante a observação eliasiana, é como se Marco Antonio tivesse infringido as regras de conotação moralística específica que deveria herdar da tradição familiar. Partindo para uma análise além das fotografias, podemos explicitar o comportamento de Marco, que certamente é bem diferente daquilo que o pai havia planejado. Além disso, ele faz parte da geração em que o entrelaçamento de informações é cada vez mais estreito. São pessoas que se vêem como informação. É o que fica explicitado na entrevista de Marco Antonio, que se mostra na Internet como um dado nas páginas dos blogs e de comunidades de relacionamento como o Orkut.



Ao observar este auto-retrato de Marco Antonio, identificamos que a experimentação se fez necessária para obtenção desta imagem. A geração protagonizada por Marco Antonio nos revela mudanças muito claras neste sentido. Primeiro no que diz respeito à enorme possibilidade de fotografar aleatoriamente, já que com a fotografia digital a capacidade de reprodução é muito mais viável, independentemente de procedimentos como a revelação, por exemplo. Se a experimentação técnica permite uma maior possibilidade de registros fotográficos, os objetos fotografados tendem a aparecer de maneira cada vez mais experimental. Para esta geração, caso o resultado não fique a

contento, há sempre a oportunidade de repetir aquele ato com muito mais facilidade do que nas gerações anteriores.

Diferente do que Elísio desejava, Marco Antonio buscava um fotografar diverso de tudo o que se via no acervo da família até então. Não queria registrar as figuras políticas notáveis de sua época, as fotografias posadas, muito menos as imagens em 3 x 4 destinadas a documentos pessoais. Interessa-se pela fotografia de publicidade – ele tem uma agência de comunicação – e, mais recentemente, uma ligação à fotografia de moda.

CONCLUSÕES

O que a história desta família, ao longo de mais de um século, parece mostrar é a exemplificação do que o alemão Norbert Elias testemunhou em relação à mudança nos costumes ao longo da história. A conclusão que se evidencia neste estudo preliminar é a modificação, além das técnicas fotográficas, do comportamento das pessoas que estão fotografadas no acervo da família Melo. De todas as alterações, chama-nos a atenção o percurso sócio-dinâmico concernente à descontração explicitada nas disposições corporais, que se tornou cada vez mais comum, ao longo das quatro gerações de fotógrafos.

Nota-se um cada vez mais crescente “dar-se a ver”. As poses se tornam mais descontraídas. Buscando referência em Haroche podemos acrescentar os argumentos que ela apresenta em relação ao que chama de formas de alienação contemporânea. Ela propõe uma discussão referida a esta visibilidade de si, exemplificada no presente objeto pelos auto-retratos que aparecem no acervo da Família Melo a partir de Marco Antonio. Visibilidade esta que, conforme Claudine Haroche, ignora as fronteiras do íntimo, do público e do privado, e tende a instrumentalizar e reificar o indivíduo pela exibição contínua e exaustiva de si mesmo. (HAROCHE, 2008, p.173)

Para estabelecer uma ilustração, podemos observar esta fotografia feita por Manoelito Melo, na década de 1940. É uma foto de estúdio que revela a sisudez de pessoas que buscavam um retrato sério. Numa escala de moralidade, do ponto de vista da tradição, seria o modelo de certo.



Mais de sessenta anos depois, já no início do século XXI, o acervo da família nos revela uma modificação neste comportamento. O olhar do fotógrafo é notadamente diverso. O próprio enquadramento parece buscar traduzir o ritmo da música que se ouve nas festas de música eletrônica. A fotografia abaixo evidencia um comportamento heterogêneo por parte do fotógrafo. Para cada situação um quadro apropriado. Ao fotografado, basta estar fora de casa que se torna provável objeto.



Exibicionismo que, nos termos de Haroche é reforçado, de uma certa maneira, pelas tecnologias contemporâneas. O que força o indivíduo a não apenas representar um pedaço de si, mas “a desnudar-se num contínuo desvelamento de si mesmo, *a mostrar-se* para ser valorizado e, fundamentalmente, para existir.” (HAROCHE, 2008, p. 173)

Uma mudança considerável essa que se dá no referido objeto e que, à luz do pensamento eliasiano, deve ser entendida como um procedimento normal da sociedade dotada de uma rede de interdependências formada pelos indivíduos. A complexidade

desta reticularidade é o que forma o *habitus* – a auto-imagem e a composição social – de cada indivíduo. Pesa, nesta formação, tudo o que foi vivido antes do indivíduo. A explicação, talvez, porque houve tanta modificação na relação de cada um dos fotógrafos com a fotografia. É Elias quem observa que essas relações variáveis notadas entre pais e filhos são determinadas pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia antes dela. (ELIAS, 1994, p. 28)

As diferentes direções que cada indivíduo toma são definidas mediante fenômenos reticulares, diz a concepção eliasiana, reforçando o questionamento levantado por Claudine Haroche. As interações entre as pessoas não se dá de forma somatória como em substâncias físicas, mas de maneira não-cumulativa. Se comparadas com uma partida de bilhar, para ficar num exemplo apresentado em *A Sociedade dos Indivíduos*, as interações são como as bolas de bilhar que, ao se chocarem, seguem em direções diversas. (ELIAS, 1994, p. 29) No objeto em questão, o que se pode concluir é que, conforme a evolução social e todo o seu emaranhado de relações, cada geração tende a seguir uma direção diferente da anterior.

Este fenômeno reticular, segundo Elias, acontece em conformidade com as relações entre pessoas que vão se moldando e se remoldando umas às outras. É como numa criança, cujas imagens instintivas que evoluem lentamente, não constituem uma simples cópia do que lhe é feito pelos outros. São-lhes inteiramente próprias. (ELIAS, 1994, p. 30)

Na busca por elementos na obra de Norbert Elias, que possam sustentar a conceituação de hipermodernidade, é possível encontrar a argumentação do alemão que pode servir de base para uma análise da continuidade geracional do ofício de fotógrafo na Família Melo, entendida como um fato na esfera do fenômeno reticular. Associando à ideia de Elias, este percurso se dá tal como numa rede de tecido.

“Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um dos seus fios podem ser compreendidos em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca (...) A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior

do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele.” (ELIAS, 1994, p. 35)

O exemplo da Família Melo e o citado percurso do ofício de fotógrafo dão prova de que o ser humano é parte de uma ordem social, de um mundo maior que exerce influência em seu destino. O indivíduo cresce, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele e passa a ajudar formar uma rede. Em meio a este processo, não se pode esquecer as forças reticulares, responsáveis ora pelos períodos pacíficos, ora pelos conflitos. A apresentação da argumentação de Claudine Haroche, reforçada pelo pensamento de Norbert Elias, permite concluir que a intensidade destes fenômenos reticulares – condição para a complexidade moderna – não se deve à natureza isolada dos indivíduos, mas à estrutura da vida conjunta de muitos.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. SCHRÖTER, Michael (Org.). Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Volume I. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

HAROCHE, Claudine. **A Condição Sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Tradução Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

VIANA, Aníbal Lopes. **Revista Histórica de Conquista**. Volumes I e II. 1982.